MARGS

NÚMERO
22

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
JAIR DE OLIVEIRA SOARES
Governador

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
FRANCISCO SALZANO V. DA CUNHA
Secretário

SUBSECRETARIA DE CULTURA
JOAQUIM PAULO DE ALMEIDA AMORIM
Subsecretário

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
EVELYN BERG IOSCHPE
Diretora

NÚCLEO DE PROMOÇÕES E COMUNICAÇÃO/MARGS

Coordenadora: Iria H. G. Martini / **Editoração:** João Carlos Tiburski
Fotografia: Mabel Vieira / **Revisão:** Gisele Scalco Sutil
Planejamento Gráfico: João Carlos Tiburski e Gisele Scalco Sutil
Diagramação e Composição: Diógenes Valquir de Oliveira
Arte-Final: Paulo Roberto Brusamarello e Luis Rogério Becker
Impressão: José Darci R. de Souza, Jorge Luiz S. da Costa e Jorge Gomes da Silva

BOLETIM INFORMATIVO Nº 22 – AGOSTO/SETEMBRO – 1984
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
Rua Sete de Setembro, 1010 (Praça da Alfândega)
Fone: 21-8456
PORTO ALEGRE – RS

CAPA: Auto-Retrato – IBERÊ CAMARGO/1943 – Desenho/Coleção Otávio de Souza
Foto: *RUY VARELLA*
Arte-Final: *Luis Rogério Becker*

Editorial

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul participa do festival de homenagens que o país presta aos 70 anos de Iberê Camargo com uma Mostra Retrospectiva de seu trabalho que traz ao público obras a partir da década de 20 num painel raro e abrangente.

No Jornal do Brasil de 14.09.84, Wilson Coutinho registra que "atualmente a obra de Iberê Camargo pode ser exibida em qualquer museu do mundo que despertará não só emoção, mas fixará nos olhos do espectador um nível de qualidade pictórica que muito artista badalado, seja americano ou europeu, não possui".

A Retrospectiva, patrocinada pelo Instituto Nacional de Artes Plásticas da FUNARTE/MEC, foi resultado de cuidadoso trabalho da equipe do próprio INAP e naturalmente do MARGS que presta, neste boletim, seu depoimento. O Museu foi varrido para esta montagem (que incluiu pesquisa, documentação e elaboração de audiovisual) por um vendaval de trabalho, mas mais forte ainda, por um forte sopro de emoção.

Este Boletim pretende ser um registro deste trabalho. Precário, como precária é a vida – no sábio dizer de Iberê.

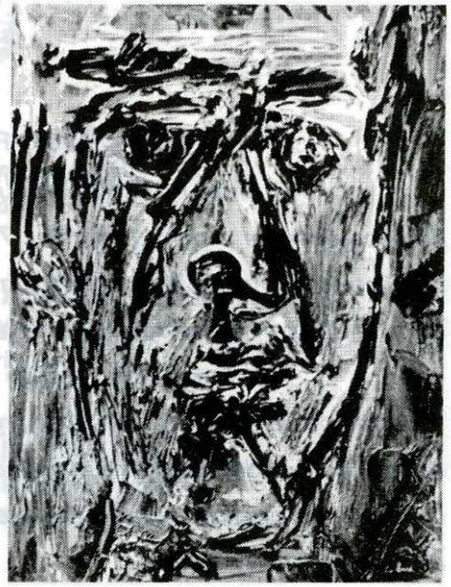
EVELYN BERG IOSCHPE
Diretora do Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Mostras no MARGS

IBERÊ CAMARGO – ANO 70

*MIRIAM AVRUCH**

Retrospectiva da obra de Iberê Camargo abrangendo as décadas de 40,50, 60, 70 e 80, incluindo óleos, desenho, gravuras e documentação de intervenções no espaço urbano do artista gaúcho.
Período: 1.º a 30 de setembro.



Em novembro vindouro Iberê Camargo completa seus 70 anos e a direção do Museu de Arte do Rio Grande do Sul planejou festejá-los através de uma exposição retrospectiva de sua obra. Nada mais justo, pois Iberê, apesar das muitas andanças, jamais se desligou de sua terra natal que com imensa satisfação o recebeu de volta.

Foram praticamente 2 meses de trabalhos intensos porém extremamente gratificantes. Desejávamos, além de uma mostra representativa de sua trajetória como mestre criador, fosse ela também de seu agrado, o fizesse feliz. E no primeiro contato com Maria, sua mulher, sentimos o recado " . . . ela deve ser representativa, caso contrário é melhor que não se realize . . . "

Com as pistas fornecidas pela própria Maria, por sua marchand Tina Presser e alguns amigos, admiradores e colecionadores de sua obra partimos em busca do necessário para a concretização do projeto. O valioso auxílio dos colecionadores trouxe-nos condição para tal. Contatos foram realizados no Rio de Janeiro, onde visitamos alguns deles, e após em nosso próprio Estado.

No decorrer dos trabalhos algo especial nos chamou atenção: o fato de que muitas obras indicadas por Iberê estavam em mãos de pessoas a ele ligadas por estreitos laços de amizade. Ora uma amiga de "velhos tempos", ora seu antigo médico, ou alguém de estrito convívio e que sempre lembravam algum fato interessante.

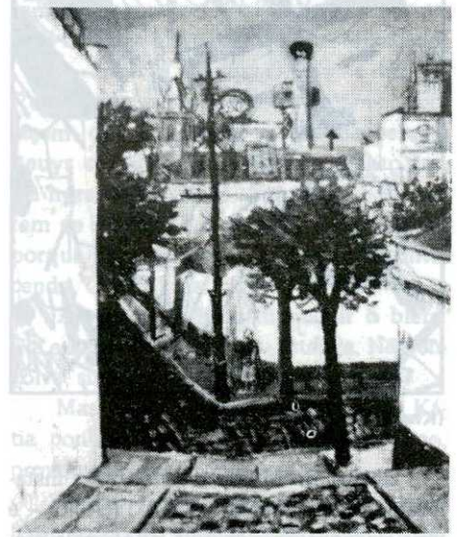
A retrospectiva foi planejada para as salas da grande e pequena Galerias do MARGS. Definimos colocar na primeira seus trabalhos em óleo e na segunda a mostra de obras sobre papel e outros objetos. Divididas em décadas, todas elas acompanhadas de um catálogo daria melhores condições didáticas para que os espectadores tivessem uma visão panorâmica da intensidade sempre crescente e constante de sua trajetória.

Um total de 72 obras receberam um tratamento especial através da competência de Luiz Alberto Zuñiga que com grande experiência em montagens de exposições tornou possível valorizar ainda mais o material coletado.

* Curadora da Mostra.

(Retrato de Maria).

Lembramos com alegria o mutirão formado nos dias precedentes à abertura da mostra por um grupo de colegas, que sensibilizados provaram mais uma vez que somos capazes de qualquer tarefa quando somamos ao nosso próprio esforço, o esforço de muitas mãos amigas.



"Iberê Camargo: 70 anos" foi visitada por um grande número de pessoas no decorrer do mês de setembro. Paralelo à mostra houve a projeção diária de um audiovisual realizado pelas colegas Teniza Spinelli e Mabel Vieira, além da oportunidade de o público dialogar com Iberê em Encontros no Museu, no dia 6 de Setembro, às 17 horas no Auditório do MARGS.

A ARTE CERÂMICA DE MARITÊ

*RENATO SCHEBELA**

"FORMAS DA TERRA", mostra de painéis tridimensionais em cerâmica (óxidos e esmaltes) que sobressaem através de formas abstratas, tendo como suportes vidros fumées.
Período: 7 a 26 de agosto.

A concepção cerâmica que propõe a artista gaúcha Maritê (Marilene Thomé

* Jornalista.

Englert) extravasa a proposta do tradicional, contemplando-nos através de formas abstratas, com painéis tridimensionais em óxidos e esmaltes, que sobressaem-se pela leveza e suavidade.

A intenção, conforme justifica a própria artista, é a de modificar a idéia da cerâmica pesada e compacta. Para isso, assumiu o desafio da pesquisa, buscando novas soluções de formas a partir de finas películas de argila, onde o elemento têxtil aparece em composições harmoniosas e enriquecedoras.

As formas são abstratas, e sugerem aos olhos do espectador o questionamento de figuras diversas. Mas na ótica de Maritê, elas trazem o testemunho de uma época como a série "Migrações". Tanto nestes quanto em outros trabalhos, como acontece em "Papel de Seda", a artista revela sua preocupação com a natureza e, com sua possível extinção, expressando-a sempre em detalhes.

"Sinto como é importante registrar um pouco de nós mesmos para que as pessoas do futuro saibam o que aconteceu em nossa época", enfatiza.

A artista reconhece a valorização pública da cerâmica como uma arte capaz da expressão mais autêntica do intelecto. Estão aí as inúmeras exposições programadas para o corrente ano, sejam individuais ou coletivas, e mesmo os cursos específicos da técnica, com o aval de artistas de renome internacional.

O processo é instintivo mas demonstra toda uma preparação. É a disposição do material, a técnica a utilizar, a ambientação adequada e o momento do ser. O resultado é latente. Um conjunto de sensações interiores aliadas às energias ambientais. São vivências, percepções, fluídos, e denotam todo um misticismo, dirigido à moldagem da matéria. Dela geram a forma. Forma esta, que Maritê consegue transportar ao íntimo de cada observador, que as traduz seja em fantasias ou à sua realidade imediata.

KHA-TRANG

*MARIJANE RICACHENEISKY**

Uma instalação de Kátia Prates. Montagem ambiental cujo foco localiza-se no chão. O chão da sala é uma pintura PVA sobre tecido.
Período: 3 a 23 de agosto.

Um trabalho de arte é uma história a partir do momento em que algo está sendo contado ou explorado: uma emoção, um fragmento, uma pessoa, um raciocínio, o interno e o externo. E qualquer história bem contada provoca.

(Kha-Trang - Fragmento).

Chegar no Museu e encontrar a instalação da Kátia Prates – KHA-TRANG – é uma provocação por dois lados: pela maneira como se coloca e pela linguagem que utiliza. Muita gente passa e não olha porque perde o chão. Ninguém está acostumado a pisar em um trabalho de arte, mesmo não considerando arte. E poucos entram.

Eu entro, piso e depois de tomar conhecimento (sensação, Kátia?) tenho que sentar. Afinal, as pistas encaminham para isso. Recomeçar por onde? Podia ser pela leitura de alguns signos/símbolos conhecidos. Só que este é apenas um dos caminhos. Tem a forma, o amarelo, o preto, o norte. E prá que relógio?

O jogo de descobertas e leituras te prende e torna o trabalho forte. E renegá-lo também o tornaria forte, porque tem poder. A diferença entre ter talento e não ter talento começa por aí (necessidade/prazer/força/poder): ou se olha e pronto ou se explora tentando descobrir as regras, a comunicação. É o envolvimento. É, quem sabe, uma chance de abrir os olhos e, realmente, ver, sonhar, sentir.

E quem produz arte usa uma arma, a que melhor lhe convém, a que mais liberdade lhe dá para contar uma história, provocar sensações, envolver. Se isso acontece, o artista se torna um com sua arma, seu aliado.

A arma é qualquer uma: a luz do Rembrandt, a pincelada do Salomé, a colagem dos dadaístas, as instalações do Beuys ou os signos da Kátia. Tanto faz. Na hora de fazer são todos iguais, porque tem de ser feito e mostrado. Assim é vida, porque algo aconteceu e continua acontecendo. O jogo rola.

Às vezes é difícil distinguir o blefe. Ele existe, mas não anda; estanca. Não envolve, simula. Mas engana e é aceito.

Mas tem a verdade: a pintura da Kátia continua esparramando pelo espaço, provocante. É e pronto.

E tem o tempo: como se o relógio fosse tocar, eu começo a entrar no trabalho, viajar, fazer uma apreensão. Absorver e ser absorvida. Quando saio, levo comigo um resultado, prá onde eu for. Um resultado que não tem fim. Junta-se a tudo.

A ARTE EXPRESSIVA DE FLÁVIO DE CARVALHO

*AUGUSTO ARTUR MELLENDER**

"33 OBRAS DE FLÁVIO DE CARVALHO". Óleos, Aquarelas, Desenhos e Fotos de Projetos Arquitetônicos de Flávio de Carvalho.
Período: 09 a 26/Agosto.

"Quando olho para meu retrato pintado por Segall, me sinto bem. É o eu convencional, o decente, o que se apresenta em público. Quando defronto o retrato feito pelo Flávio, sinto-me assustado, pois vejo nele o tenebroso lado de minha pessoa, o lado que eu escondo dos outros". (Mário de Andrade, 1939).

A matéria prima da obra de Flávio de Carvalho é claramente percebida. A figura humana. Mesmo que ele desenvolva outros tipos de projetos, como o desenho técnico.

A genuína inspiração que lhe proporciona o ser humano é marca registrada em sua obra, por sinal, altamente expressiva.

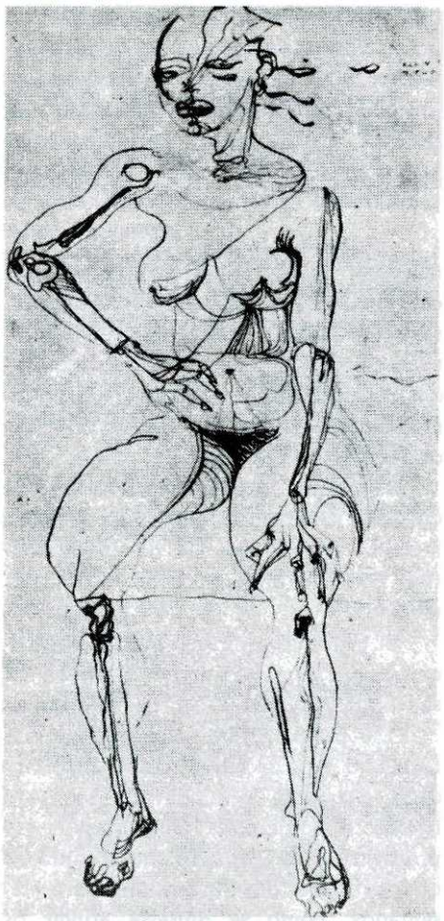
Ele parece querer ressaltar em suas formas o caos de nosso tempo. Sensibilidade altamente desenvolvida, no traço nervoso e inquieto, na fragmentação e expressividade do colorido, na acentuação dos caracteres dos tipos humanos representados, como se quisesse atingir os meandros de sua verdade interior.

Por vezes, parece até deixar de ser coerente com o próprio material que utiliza na execução da obra, permitindo ao seu potencial expressivo manifestar-se plenamente.

Seus retratos tentam atingir uma outra dimensão, invisível aos que olham as coisas do mundo com a igualdade rotineira e banal do cotidiano.

* Restaurador do MARGS.

O caráter de originalidade da obra de Flávio de Carvalho, que vimos parcialmente, é inegável.



(Mulher Sentada – 1955 – Nanquim).

Igualmente o desenho e a pintura do artista revelam um criador que aprendeu as lições de outros mestres, notadamente da arte moderna.

É marcante a associação entre o técnico do desenho e da pintura de Flávio. A linha faz sua viagem, percorre seu itinerário sobre o suporte sem interromper-se, nesse afã de formar a imagem. Sua técnica pictórica sofre esse mesmo impacto criativo. Manchas em verdadeiro frenesi se aglutinam, se repelem, se movimentam e se aproximam para compor finalmente uma essência plástica, metamorfoseada através da figura humana.

Do retalhamento, da dilaceração dos sentimentos e emoções, subitamente a imagem se configura, emerge do caos, e nos aparece vitoriosa, ressaltando-se de substratos confusos e conflitantes.

Através do seu inconsciente, forças interiores emergem para determinado plano de realidade, onde Flávio de Carvalho deixa entrever as suas tribulações e inquietações, e sua arte é, seguramente, uma expressão deste mundo interior invisível.

A fragmentação visual óbvia da obra de Flávio nos revela um dinamismo plástico marcante.

A maneira de organizar sensoriamente o material utilizado na elaboração da imagem plástica, é característica dominante na obra deste artista.

Relativamente distante de uma concepção artística equânime e severa, a visão de Flávio de Carvalho das coisas e pessoas expressa evidentemente alguns aspectos caóticos da vida do homem contemporâneo. Essa atmosfera fragmentada, passa ao espectador durante a observação de seus trabalhos.

Flávio sabe manipular com maestria concepções tradicionais da pintura e do desenho, redimensioná-las e adaptá-las a novas configurações e construções dentro do espaço que se abre às suas sensações.

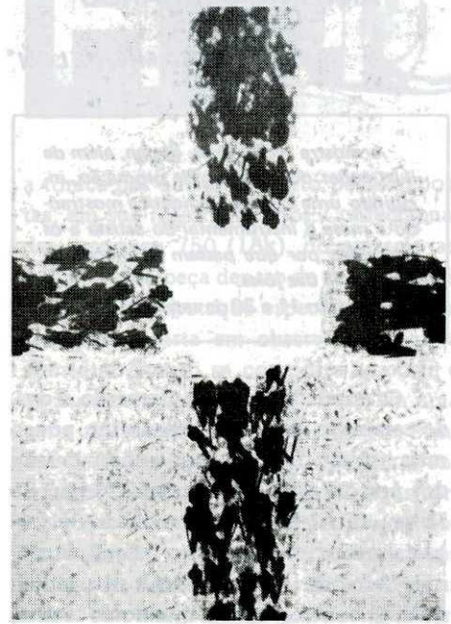
A estética de seu artefato artístico pode refletir o suave, o belo, mas, por vezes, também pode representar o inquietante e o que não é facilmente captado por uma visão menos perspicaz. O certo é que a obra de Flávio de Carvalho proporciona ao espectador inusitados momentos estéticos e reflexivos.

PAISAGENS DO CORAÇÃO E UNIVERSUSMULTI: IRONIAS DE PODER E DE APODERADOS

*RAUL CÓRDULA**

"UNIVERSUSMULTI"
DIANA DOMINGUES
Representações gráficas com a utilização de multi-meios.
Período: 15 a 29 de agosto.

Processar um alfabeto visual carregado dos símbolos do cotidiano urbano, de uma maneira pulsante e contínua como um eletrocardiograma: eis do que se trata a irriquieta e surpreendente fase de litofsetes de Diana Domingues que ela intitula ELETROECOLOGIAS & DESCONTEXTUALIZAÇÕES. Como que para justificar sua dialética contida no ato de unir



(Aspecto de "UNIVERSUSMULTI").

* Artista Plástico Paraibano.

opostos ela fez litofsetes, isto é, lança mão do processo artesanal da impressão mas a partir do meio tecnológico do fotolito e chapa de "offset".

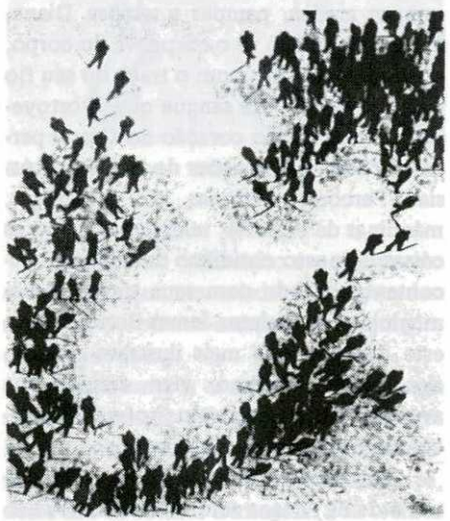
Nessa fase seu trabalho de elaboração de imagens se faz através de meios tecnológicos como a fotografia, instrumentos médicos como o tensiômetro e o eletrocardiógrafo e, principalmente um "sofware" de alta resolução gráfica responsável pela decomposição das "paisagens do coração" que nada mais são que as pulsações absolutamente atentas ao seu permanente trabalho de bombear o sangue, mas desatentas ao subjetivo mundo em que mergulhamos para refletir sobre nossas ondas elétricas derramadas nos ecossistemas do nosso entorno. Diz Lindolf Bell no Jornal de Santa Catarina, sobre esta mostra que percorreu o Brasil de sul a norte: "Ouve teu coração e apalparás teu destino."

Vera Barcellos, que na mesma época que Diana mostrou um antológico trabalho sobre a paisagem do corpo (EPIDERMIC SCAPES) gauchamente também percorrido pelo Brasil, viu o corpo como quem vê de um microscópio, na mesma relação de quem vê de um avião, fotografando os vales, rios, florestas, colinas, campos arados, pampas e sertões. Diana, ao contrário, não vê o corpo, vê do corpo, e desenha com ele, com o traço do seu fio vital, aquele fio de sangue que, Dostoyevsky conta, sai do coração do Czar e percorre todos os corações de todas as Rússias. Percorre telefones, tvs, semáforos, máquinas de escrever, telegramas, todas as coisas de nosso cotidiano desvairado, descontextualizando com seus traços de hemoglobina as maletas James Bond. Súbito este desenho que mais ilustrava que designava vira designo, vive sozinho sua aventura sutil, passa pelo "sofware" gráfico e se torna nas eletropaisagens.

Em 1984 (a fase a que me referi acima é de 82) Diana retorna com UNIVER-

SUSMULTI. Mais uma vez o corpo é o personagem, desta vez mais explícito, símbolo mais completo. Na verdade trata-se de dois símbolos: um homem caminhando com pedaço de sua sombra projetada sobre um caminho ladrilhado de "tickets" de caixa registradora, algo como notas de compra, signo de nossa exacerbada mania de comprar. Refaz-se a paisagem, pois estes dois elementos se organizam em manchas que compõem panoramas. Curiosamente isso me parece uma coisa rupestre, como que vontade arcaica, principalmente na grande figura dominadora rodeada de pequenos seres, todos iguais, repetidos, pra cima e pra baixo que mais parece uma caixa repleta do mesmo soldadinho de chumbo.

Este trabalho lembra as lapas do sertão pernambucano onde, tenho certeza, Diana nunca andou, cheias de pinturas indígenas. As grandes figuras, e as pequenas, com suas armas e seus falos (as sombras) perambulando pela rocha ocre. Oriundo que sou dos anos 60, não pude deixar de me lembrar também de Genovés, aquele desenhista que nos mexeu com a cabeça nas OPINIÃO 65/66, no MAM do Rio, trazido por Ceres Franco e Jean Boghici.



Mas na verdade nada disso existe porque esse caminhar incessante, esse chão de "tickets" são a junção de dois trabalhos anteriores: "THE END", série de xerox onde aparece ao mesmo tempo Chaplin e Carlitos, caminhando cada um de um lado de uma rua em perspectiva em direção ao fim (este caminhar desvairado) e, o outro, uma série de xerox sobre papel alaranjado onde aparecem pratos repletos de "tickets" de supermercados ou talheres cortando manchetes de jornais sobre fome na Ásia, América, África. Na verdade UNIVERSUSMULTI fala da fome, não da fartura, fala da caça do homem cotidiano e nisso é ainda mais rupestre, fala do domínio, uma crônica sobre poderosos e apoderados.

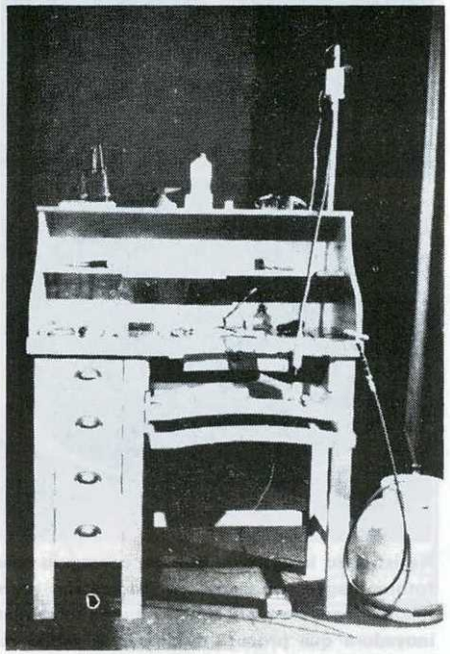
AS JÓIAS DE ANTÔNIO BERNARDO

*NEUSA MICHIELON**

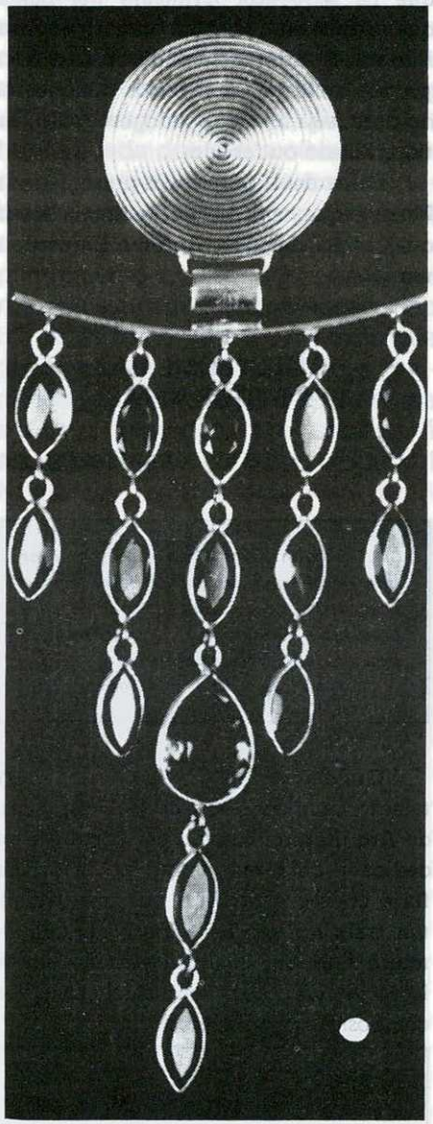
A mostra inclui jóias, design, além de ilustrações do processo de produção, incluindo uma exposição didática mostrando a mesa e instrumental do artista e os processos por que passam os metais na confenção das jóias.

Período: 11 a 30 de setembro.

O nome de Antônio Bernardo é desde setembro próximo passado um pouco mais íntimo dos gaúchos, especialmente dos porto-alegrenses. Nas Salas Negras do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, especialmente preparadas, o artesão Antônio Bernardo fez sua 1ª Mostra Individual. O contato com o mundo do artista, representado pela mesa de trabalho, instrumentos auxiliares, cadinho, laminadora, polidor, etc., mereceram lugar de destaque, reforçando a idéia do artesanal, do único. Na sala contígua, a surpresa. O bom gosto, a simplicidade e a leveza eram



a tônica nas quarenta e oito peças expostas, em sua maioria brincos. Confeccionadas em ouro 750 (18k), do amarelo ao branco, cada peça dentro de sua peculiaridade merece destaque especial. A preocupação do artista em observar a maneira com que o ouro se comporta ao corte e ao manuseio e dali criar é visível em uma parte de sua obra, representada por brincos de fios encaracolados ou lâminas enroladas. O artista também explora as formas côncavas em ouro polido. A nota dominante são as gargantilhas e brincos montados com peças articuladas umas às outras em ouro fosco, quase sempre terminadas por pedras como a opala e o diamante. Pedras pequenas com movimento individual e lapidação em formato não tradicional, agrupadas em cachos, lembram espigas de trigo (topázio) e amoras silvestres (granada).



(Brinco em ouro, turmalinas em forma de mavete e um topázio em forma de gota).

Outras vezes, as cores do arco-íris se fundem no colorido de ametistas, águas-marinhas, granadas, safiras e topázios. As

* Núcleo de Extensão do MARGS.

formas são muito livres, e, segundo declaração do próprio artista, ao trabalhar uma peça surge a inspiração para outras mais, como foi caso de um grupo de brincos que na seqüência terminam por placas que se fecham, formando uma argola oval flexível. E assim, no desenrolar da mostra pode-se observar os diversos tratamentos do ouro, seja lixado, polido, escovado, batido, vazado ou fervido.

Cerca de 1500 pessoas prestigiaram a Mostra, que sem dúvida nenhuma atesta que, acima de tudo, Antônio Bernardo é um artista.

GUILHERME PAZ FOTOGRAFIAS

*RUY VARELLA**

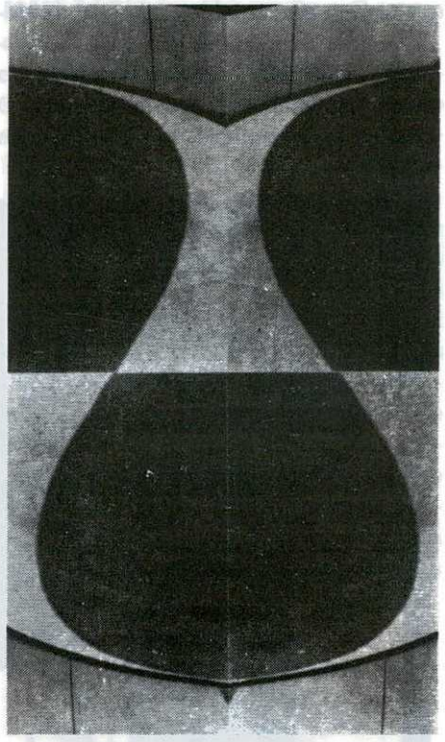
Fotomontagens combinando imagens que apresentam qualidades geométricas acentuadas, com efeito luz/sombra, e contraste cromático, possibilitando a criação de seqüência repetitiva.
Período: 12 a 30 de novembro.

Guilherme Paz é mais um dos novos talentos que apareceu no Sul. Estudante de Arquitetura, nascido em Porto Alegre, dedica-se de forma autodidata à fotografia e consegue produzir com criatividade um trabalho rico em formas e detalhes e muito bom em qualidade técnica em relação a: cor, boa densidade cromática, composição correta, etc.

VEJA . . .

ENCONTROS NO MUSEU BARAVELLI
22/11 – 17 horas
AUDITÓRIO

* Fotógrafo.



Registrando imagens da Europa, conseguiu boas fotomontagens que possuem geometrias acentuadas, jogos de luz e sombra e uma tendência inovadora que procura modificar as velhas regras de composição fotográfica.

VEJA . . .

RETROSPECTIVA VASCO PRADO

20/11 à 30/12

SALAS DA GALERIA, PEQUENA GALERIA E ÁREA EXTERNA

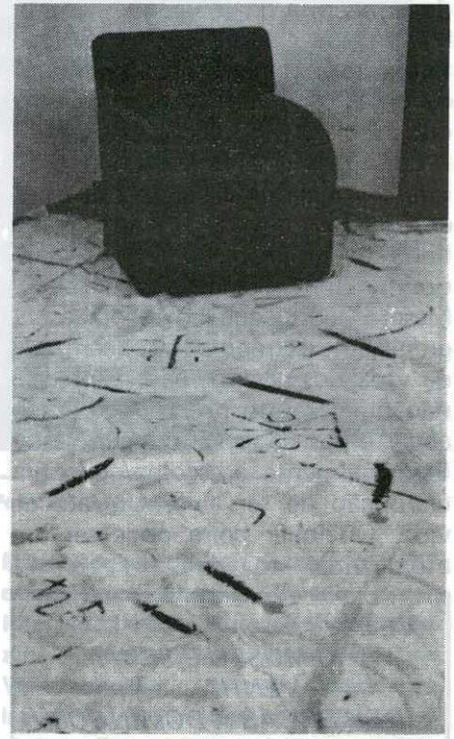
OLHAR DE ASTRONAUTA

*KATIA PRATES**

Existencialmente tem o prazer.
Até que momento?
Neste momento fico duvidando do resto todo.
Faz-se um trabalho: brinquedo humano. Inclusive.
Daí é possível que a gente se dê conta que é tudo brinquedo humano.
Pura abstração de uma outra coisa qualquer – antes.
Dimensão: tempo, espaço e a existência.

O que se faz com isto?

Ser humano pés fincados na terra. Ser terra. Terra-planeta, detalhe microscópico no macroscópico. Mas, ainda assim e de qualquer jeito ser um. No meio da coisa toda. Uma olhada, vislumbrezinho atordoante do real. Pombos e águias. Intenção e pura abstração: brinquedo humano. Altamente humano. Danger escrito em vermelho. Sem ilusões: duplicidade de fragilidade e força, fel/mel, escolher, resolver, somar, multiplicar e depois tirar a raiz quadrada. Mecânica única. Obra humana. Mercúrio duplex, chamaram os alquimistas. E nós também somos discos voadores, aliás bola voadora, circulante. OLHAR DE ASTRONAUTA. Universo em expansão: movimento constante de tudo para todos os lados. Monto – como quebra-cabeça – uma imagem para isso. Rebato na humanidade dos meus olhos. Reparo. E de alguma forma confiar sabendo que talvez pudesse ser uma outra coisa. Pois não é. Clara e explicitamente a coisa toda é isto mesmo que está em qualquer lugar. Não há outro tempo/espaço, mesmo que daqui se veja planetas/galáxias (amplidão de universo) há milhões de anos/luz passados. Um ano/luz é um facho de luz correndo a 300 mil Km/s. Partícula interferindo partícula até se tornar luz, vida, ciência: desta forma aqui aqui. Sempre são



* Artista Plástica.

os nossos olhos mercúrio duplex, sistema binário, bom/mau, yin/yang. Tentativa de transcendência.

Onde começam os critérios? O um e o outro. Com Kha-trang fiz um trabalho sobre gráficos (humanos): relógio/tempo; bússola/espaço energético/ímã; símbolos no chão/Existência tempo/espaço real especial humana. E ao mesmo tempo tudo mecânica, tensão provocada por mim-que reconheço um. Intenção de desvendar a pura abstração, momento em que reconheço a mecânica – dos sólidos dos líquidos dos gases resultando/resultado.

Mas sei da impossibilidade desta frieza matemática. E é aí que tudo fica circular e se conforma uma mandala em mim – sentido visual. Neste momento me sinto dissecando uma coisa qualquer que nem sei bem o que é, neste papel impresso talvez talvez talvez nem sei. Evito os critérios e tento saber de uma outra coisa, por trás deles, o moto – coisa primeira. Em realidade sem intenção nenhuma, senão a de estar entre as outras pessoas e armar uma linha de comunicação. É bom quando funciona. Sente-se menos só. Mesmo tendo que lidar com a engrenagem extrapolada/concentrada da vida dos pés no chão. É preciso não olhar muito pro céu ou então achar a paz de espírito algum jeito. Essencialmente a escolha/consciência/opção de ser vivo. Um ato de vida. Qualquer coisa pode ser um ato de vida.

VEJA . . .
O MUSEU É SEU
VENHA . . .
DE TERÇAS A DOMINGOS
DAS 10 às 17 horas

ARTELOJA PRESENTES

A ARTELOJA, da Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, comunica ao público interessado em adquirir obras de arte que dispõe de trabalhos de Oswaldo Goeldi, Lasar Segall, Carlos Oseald, Otto Reim, Debret, Claudia Stern, Moura, Alice Soares, Alice Brueggemann, Olegário Triunfo, Maria de Jesu, Vasco Prado, Circe Saldanha, Clarice Jaeger, Didonet, Fernando Centeno, Delfina Reis, Silvia Cestari Cunha, Maristela Salvatori, Anestor Tavares, Luzzemberg, Danúbio e outros.

Presentear é uma arte. A arte é um presente eterno.

VEJA . . .

PINTURA DE
JOÃO GRIJÓ

27/11 à 16/12

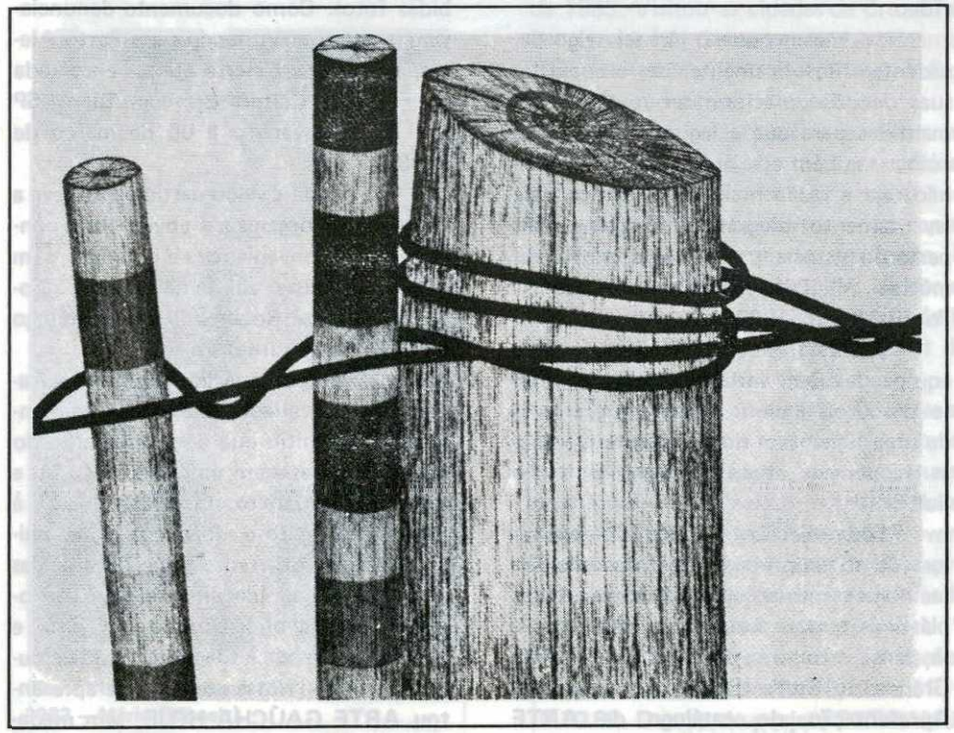
SALA
ESPAÇO INVESTIGAÇÃO

TRAJETÓRIA – ARTE GAÚCHA
Fatos e Opiniões

*DIDONET**

" . . . a principal dificuldade foi realizar uma seleção representativa. Enfim decidiu-se formar uma comissão que apontasse nomes livremente . . . " (Revista Visão, p. 57, 25 de outubro de 1982).

Artes da UFRGS) e Roberto B. Pimentel (Diretor do MARGS), selecionou para ARTE GAÚCHA HOJE, os artistas plásticos Ana L. Alegria, Alfredo Nicoaliewski, Anico Herskovits, Carlos C. B. Velho, Carlos H. V. Vieira, Carlos Pasquetti, Clarice Jaeger, Didonet, Eduardo Cruz, Fernando Baril, Heloisa S. da Silva, Iná Fantoni, João L. Roth, Liana M. Timm, Maria H. Weber, Maria Tomaselli C. Lima,



(Sem título – Desenho – 1981 – Ana Luiza Alegria (Foto: Martin Streibel).

Um júri formado por Ado Malagoli, Luiz I. Medeiros, Plínio C. Bernhardt (Membros do Conselho de Assessoramento do MARGS), de Liana Timm (Representante da "Chico Lisboa"), de Marilena Pietá (Representante do Instituto de Mário Rönhelt, Milton Kurtz, Paulo Porcella, Regina Ohweiler, Renato Heuser, Romanita Disconzi, Simone Michelin, Suzana A. Sommer, Vera Chaves Barcelos e Vera Grimberg, adotando critérios relativos à regularidade na atividade artística, linguagem moderna em obras recentes.

* Artista Plástica.

Cada participante recebeu um convite da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo e Museu de Arte do Rio Grande do Sul para comparecer com três obras nas categorias pintura, gravura e desenho. Vídeo e proposta. Condições técnicas impediram abranger outras expressões. Mas houve modificações, levando-se em conta a Ata Nº 3/MARGS (POA/RS, 11.06.82), cedida para esta pesquisa. Foi incluído Élcio Rossini. O principal suplente, Jailton M. Moreira, não foi chamado. Romanita Disconzi apresentou pintura, não vídeo.

"... mesmo que o júri seja algo decadente filosoficamente, se ele existe, suas decisões precisam ser respeitadas e mantidas para que a legitimidade das escolhas também o sejam, ainda que a ética não seja a razão mais forte. Em caso de levantamento biográfico, chega-se mais perto da história, preserva-se o fato, a memória..." (Diário Profissional/Didonet, Poa/Rs, junho, 1982).

"... Esta seleção foi feita por uma equipe das mais variadas tendências, mas se procurou incluir aqueles que, através de uma linguagem nova, interpretam hoje as tendências atuais da Arte Feita no Sul".

"Toda seleção é sempre falha e a valoração é sempre subjetiva. Poderão faltar nomes, mas o conjunto desses artistas plásticos tentará mostrar ao Brasil como se pensa e como se faz Arte hoje no Rio Grande do Sul". (Roberto B. Pimentel. Apresentação do catálogo de ARTE GAÚCHA HOJE).....

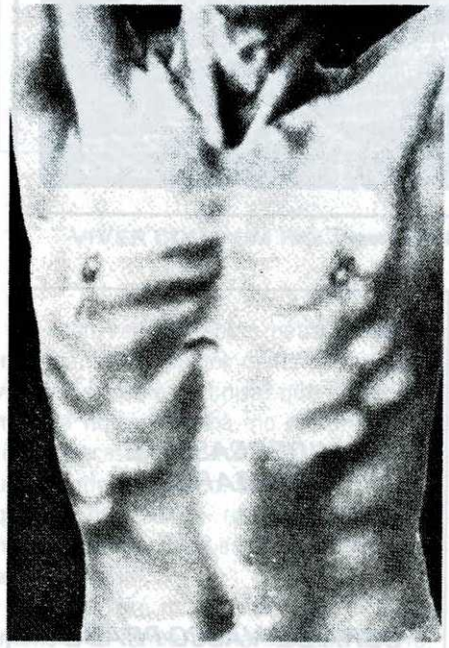
"... apresentação lastimosa. Convidados após demorada seleção, poderiam ser poupados de vexações, dúvidas quanto à capacidade. Trabalhando com a evolução do pensamento e da forma, o artista está longe de ser um educador. E a coragem de tantos ao confessar o intranqüilo não diminui a problemática questão da autenticidade. Opiniões, comentários desenraizados seguiram nas páginas, microfones da imprensa. Mas há que seguir rogando, pelo meio de tudo, por apresentações criteriosas, depoimentos vivos. Espaços surpreendentes e caros, mobilizando verdadeira massa humana, tem de arrebatar também..." (Diário Profissional/Didonet, Poa/Rs, abril, 1983).

ARTE GAÚCHA HOJE foi oficialmente publicada na Galeria Oswaldo Goeldi/FUNARTE, em Brasília/DF (de 15 a 30 de outubro de 1982). Posteriormente, no saguão do MARGS foram exibidas fotos. Como documento denunciavam a solidão. Voltando para Porto Alegre, permaneceu inerte até ser encaixada na Feira da Cultura Brasileira/Bienal/SP (de 26 de fevereiro a 06 de março de 1983).

"... Cada Estado participante teve a liberdade de organizar e enviar obras conforme suas conveniências e objetivos, sem que se definisse um tema comum a todos..." (José Roberto Prebill. Catálogo da Feira da Cultura Brasileira).

"... a coordenação frágil deste trabalho inaproveitado, apesar das boas intenções, permitiu que o maceramento do fazer continuasse em simpósios, festivais e encontros artísticos. O essencial veio à tona como sendo o supérfluo, apenas paixão. A mim ocorreu a idéia de crianças brincando dissimuladamente nos arredores de uma sala onde adultos conversam, e que repetem cada à sua moda, o que escutaram, viram. Nesse contexto se apresentou ARTE GAÚCHA HOJE, sem medalhas, mas bonita e bem arranjada, recebendo convites para intercâmbio com outros Estados, sem efetivação, sendo que também para o Rio de Janeiro a mostra não foi conforme esta anunciada, por ex., no Of. Nº 179/82/MARGS. O esfacelamento é uma contingência..." (Diário Profissional/Didonet, Poa/Rs, março, 1983).

Os artistas gaúchos que compareceram à FCB redigiram um documento – Carta de 03 de março de 1983 aos administradores, para que estes passassem a quem os sucedesse na nova Administração. Leram-no em voz alta, gravando em fitas a serem depositadas no MIS/SP, pedindo apoio para a regulamentação da profissão de Artista Plástico; participação dos produtores no processo político-cultural; na escolha de dirigentes de instituições; continuação dos projetos iniciados, documentando e divulgando-os; equilíbrio na distribuição da verba cultural e incentivo à pesquisa.



(Sem Título – Desenho/Grafite e Liquetex – 1982 – Mário Röhnelt).

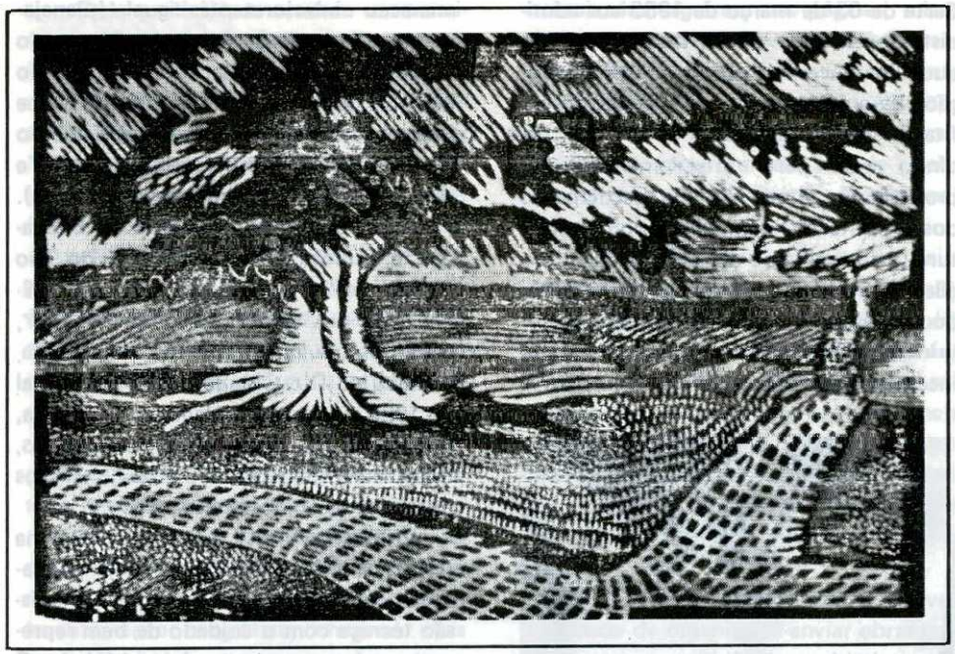
Vide ARTIS, Revista de Arte e Cultura, Porto Alegre/RS, março 83/Nº 4. ARTE GAÚCHA HOJE retorna a Porto Alegre, inaugurando no MARGS (de 17 de março a 04 de abril de 1983), sob patrocínio da RBS, que, além da divulgação, ofereceu um cartaz e outra tiragem (Ética Impressora) com nova capa (de Ferré e Roberto Silva) para o catálogo que permaneceu interiormente igual (planejamento e redação de Flávia M. Rosa – do Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS; planejamento gráfico de Circe Saldanha Pilla; fotografias de Eduardo V. da Cunha, Mauro Rodrigues Neto e Martin Streibel; 1ª impressão CORAG).

Com apoio da Secretaria da Educação e Cultura, Museu de Arte do Rio Grande do Sul e RBS, cognominada "ASPECTOS DA ARTE GAÚCHA HOJE", composta de uma obra de cada artista, itinerou no Rio Grande do Sul até o final de 1983. Visitou as cidades de Cruz Alta, Pelotas, Bagé, Santana do Livramento, Uruguaiana, São Gabriel e Alegrete. Dos relatórios recebidos, dois apelos:

"Bons artistas estão reunidos na ARTE GAÚCHA HOJE, que foram cuidadosamente selecionados por uma comissão técnica com o cuidado de bem representarem a nossa arte da atualidade. É claro que faltam alguns nomes de projeção na coletiva, inclusive Pelotas poderia estar representada..." (Prof. Abott de Freitas, Pelotas/RS, 13.08.83).

"... O gosto pelas Artes Plásticas se desenvolve através da apreciação de obras. Em cidades do interior, onde há poucas exposições e/ou atividades artísticas deveria ser promovido maior número de eventos semelhantes, acompanhado (sempre que possível) de um palestrante a fim de dinamizar e popularizar a cultura..." (Relatório/19ª Delegacia de Educação/Santana do Livramento/RS, de 11 a 18.10.83. Dentro do projeto EXTRAMUROS/MARGS, "ASPECTOS DA ARTE GAÚCHA HOJE" foi apresentada no Centro Administrativo, Porto Alegre/RS (de 31 de janeiro a 15 de fevereiro de 1984); em Rosário do Sul/RS (de 12 a 21 de julho de 1984); no Centro Comercial João Pessoa, PROMOCENTRO, Porto Alegre/RS (de 11 a 27 de setembro de 1984).

"ASPECTOS DA ARTE GAÚCHA HOJE" deverá receber nova denominação



("... Abraços Verdes ..." – Xilogravura – 1981 – Clarice Jaeger).

para se atualizar. Talvez se transforme num pacote, subsídio para solicitante de exposições.

VEJA ...

DESTAQUE DO MÊS DE NOVEMBRO

"FUNDIÇÃO" XILOGRAVURA DE

VASCO PRADO

EXECUÇÃO: 1953

VEJA ...

VIDEOCASSETE NO MARGS

OBRA DE VASCO PRADO

20/11 a 30/12 de Quarta-feiras a Domingos, às 15h30min.

NO AUDITÓRIO DO MARGS

"IBERÊ CAMARGO: LINGUAGEM & EXPRESSÃO"

*TENIZA SPINELLI**

Os depoimentos a seguir, foram prestados pelo artista a Teniza Spinelli, do Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS para o audiovisual IBERÊ CAMARGO – 70 anos (criação de Teniza Spinelli e Mabel Vieira). O pintor fala da criação de uma linguagem, do poder de comunicação da obra de arte, de seu questionamento, da visão pessoal do artista e das relações que ele estabelece com seus modelos.

VIVER COMO UM RIO ...

Tudo vem do nosso pátio, da nossa infância. E nós temos material para uma vida longa, com as coisas que nós colhemos na nossa infância, no pátio, nos porões das casas, nos nossos brinquedos. É um mundo fantástico, um mundo mítico, que na maturidade ressurge, escapa do fundo e vem à tona; as coisas começam a se despreender.

O rio está muito vinculado à minha infância. E tenho muita saudade do rio, pois o rio é tão forte como a sanga. E não sinto nenhuma emoção diante do mar. Mas o mistério da sanga, da água parada me seduz muito.

Eu quero fazer uma visita aos rios. Aos rios Cacequi, Jaguari e Santa Maria. Porque o rio é sempre um manancial. E acho que a gente deve viver como o rio, que se renova sempre.

* Jornalista.

CRIAR UMA LINGUAGEM ...

Só quando se consegue formular uma linguagem é que se pode expressar. Para um pintor, é preciso que as coisas sejam resolvidas plasticamente, de maneira convincente. Então elas se tornam um símbolo universal.

Criar um personagem, criar uma linguagem não é realmente fácil. A minha linguagem é balbuciante. Mas enfim, eu sou um sul-americano, um homem cheio de deficiências de formação. Mas a gente consegue superar a deficiência com uma grande paixão. É o que nos dá força. O que falta em técnica, sobra em garra. Eu tive sorte, porque ainda alcancei esses grandes pintores que morreram há bem pouco tempo: Lhote, De Chirico, Léger. Eu cheguei a conhecer essas figuras que são os homens que formularam a lingua-

gem contemporânea. Mas como eu sou um latino-americano, um homem que está cruzando, passando, estagiando, eu não poderia me enriquecer como um indivíduo que nasceu, que viveu e usufruiu daquele meio. No entanto, é possível que justamente por essa carência, eu tenha absorvido o bastante porque não tinha tempo a perder.

Quando o indivíduo chega à maturidade, ele tem uma vitalidade maior que significa a experiência. Isso o ajuda a realizar o que não conseguiu em jovem, porque não tinha os recursos, não tinha formulado a sua linguagem.

Eu acho que a minha pintura tem uma identidade pessoal. Se eu fizer uma figura, se eu fizer um cubo, um carretel, uma mancha, tudo sou eu. Porque eu não pareço ninguém. Eu nunca me pareci com ninguém. Então isso me dá uma tranqüilidade muito grande. Porque eu não me pareço a não ser comigo mesmo.

VIVER COM PAIXÃO . . .

Eu sempre tive um ímpeto na vida. Eu sempre vivi com paixão. Eu jamais fui um indivíduo que não me sujei na vida, que nunca me enlameei na vida, que não me contaminei, que não pequei. Eu pequei sim. Porque eu vivi.

Eu sou um homem que me desnudo. Eu não passo a vida à limpo. Por isso não tenho receio de abordar qualquer assunto, de dizer com simplicidade as coisas. A vida é muito ampla para vivermos numa limitação. Nós somos muito formais enquanto somos poupados pela vida. Nós sentamos à mesa, esperamos a hora de comer, somos cerimoniosos. Mas o dia em que estivermos famintos, ninguém vai esperar que o outro se sirva, pelo contrário. Há uma outra realidade quando tu és a pessoa atingida pela vida. Tens uma visão diferente, salvo se és uma pessoa tão convencional, que embora sofrido, continues a dar uma resposta formal. Mas eu não estou aqui para dar respostas formais nem para agradar ninguém. Por isso faço aquilo que realmente estou sentindo. Eu sempre fui um indivíduo em posição de luta, crio áreas de atrito porque tenho idéias ou posições que não são comuns. Daí essa minha intransigência. Não sou um político que teme perder seu eleitorado. Eu sinto que não corro esse risco.

A OBRA QUESTIONA . . .

Eu acho que a obra de arte tem um poder de comunicação. Ela caracteriza-se pela sua presença.

Um quadro, realizado, de um pintor, de um artista, é um vivo. Aquilo está presente como uma pessoa. E uma presença jamais pode gerar indiferença.

A obra de arte não é uma coisa meramente decorativa, para cobrir um espaço. A obra de arte inquieta, questiona. Não sei se é porque eu sou um romântico, mas acho que a coisa tem que ter sangue dentro, tem que ter vida dentro.

". . . A COISA TEM QUE TER SANGUE DENTRO, TEM QUE TER VIDA DENTRO."

Tu vais e pergunta a ti mesmo. Se tu fazes isso por paixão, como uma razão da tua vida e se és capaz de morrer por isto, ou se tu fazes isto e amanhã podes mudar e ser outra coisa. Aí é que está o problema. Mas é que as pessoas não querem se confrontar, as pessoas têm medo das respostas que não sejam aquelas respostas que a fantasia criou.

NINGUÉM GUARDA RÉPLICAS . . .

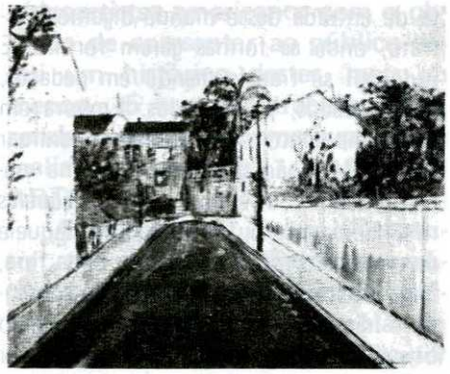
O artista é um indivíduo capaz de olhar as coisas que todos vêem, de um ângulo singular. Então ele apresenta uma visão singular de uma realidade da qual todos participam. Porque senão seria uma alienação, se eu tivesse uma realidade só para mim. Não. Eu não estou numa nuvem. Eu estou no mundo. Mas é a maneira de ver.

Tanto é que os pintores físicos, como eram chamados pelo Lhote, por exemplo Rubens, que pintou com objetividade o real – na visão dele, na crítica – é bem diferente de Velazques ou Cézane pintando uma maçã, um cavalo, uma mulher. E mesmo pintando as mesmas coisas: a água, a montanha, o céu, a nuvem, cada um teve uma visão singular. E é justamente aquele que tem uma visão singular que a história guarda. Ninguém guarda réplicas.

O ARTISTA E SEUS MODELOS . . .

Sou um pintor figurativo. Cheguei a pintar a rua da Lapa com certo realismo, e me agradava aquela pátina do muro, aquele clima sensual, aquela atmosfera.

Sempre procurei interpretar a realidade, olhando a paisagem e procurando os elementos que me pareciam elementos plásticos. Escolhia as coisas que me serviam ou rejeitava aquele sujeito, aquele motivo que não era apto a eu versar o meu conteúdo, a minha experiência, a minha vivência, a minha maneira de ver, de ser.



O artista faz a escolha de seus modelos. Vai escolher os modelos que estão afins com o que ele quer dizer.

Quando alguém me falava sobre determinada paisagem eu nem prestava atenção. Ora se eu ia sair por aí a caminhar ou viajar de barco para ver uma paisagem. Eu não vou fazer pic-nic nem quadros já feitos!

EU NÃO VOU FAZER PIC-NIC NEM QUADROS JÁ FEITOS!"

Mas há coisas que me solicitam, há coisas que me intrigam, há coisas onde eu sinto que ali há algo, que existe um mistério. Aquilo está comigo.

Dissolvendo as coisas, destruindo a realidade, criei uma linguagem que se tornou muito subjetiva. O carretel foi a porta de entrada desse mundo digamos abstrato, onde as formas geram formas. E tudo foi se transformando em pedaços, fragmentados, pulverizados. Embora em dado momento eu pense em reanimar aquilo. Mas não também da mesma maneira. Não vou voltar a pintar aquelas ruas. Será uma outra integração daquele mundo. Não estou colocando nada fora, nem rejeitando nada. Estou acrescentando e não subtraindo. Estou enriquecendo o meu mundo, a minha maneira de dizer o que é de todos.

TEMPO DENSO, MUNDO SOMBRIO . . .

Eu não vou dizer que o artista é um profeta, que está vendo o futuro. Eu não me tenho na conta de profeta. Mas acho que o artista está sentindo o que se passa no seu tempo. E o tempo em que vivemos é denso e é tenso.

Eu vejo o mundo triste e sombrio. Eu vejo o aspecto sombrio do mundo. Então para pintar esse mundo eu tenho que usar essas cores baixas, soturnas. Daí a minha paleta ser essa paleta que é.

Artes & Idéias
arte-final
composição
diagramação
FONE: 24-9080

*Arte-Final do Boletim do MARGS

"ENTÃO PARA PINTAR ESSE MUNDO EU TENHO QUE USAR ESSAS CORES BAIXAS, SOTURNAS."

VEJA . . .

A PINTURA DE JOÃO GRIJÓ

PINTURAS-PROJETO SOBRE TELA RECORTADA A OBRA DE JOÃO GRIJÓ ESTARÁ EXPOSTA NESTA MESMA ÉPOCA NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA SP E NA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL/RS.

LOCAL:
Espaço Investigação 1º andar

PERÍODO:
16/12

VÍDEOARTE: QUESTÃO POLÊMICA

*GISELE SCALCO SUTIL**

". . . as idéias podem habitar indiferentemente os meios artísticos tradicionais, ou não. Hoje em dia, há bastante coisa velha e aborrecida em novos meios". Regina Silveira.

Ilustração de Kátia Prates.

Rafael França, gaúcho formado em arte na USP e, de dois anos para cá, desenvolvendo estudos em arte e tecnologia na escola do Instituto de Arte de Chicago; trouxe até o MARGS pelo projeto "Encontros no Museu" uma coletânea de teipe realizados entre 1968/1982 de 12 vídeoartistas americanos com o objetivo de apresentar ao público daqui um histórico destes, mais ou menos, 15 anos de trabalho utilizando a televisão como suporte de realização artística: a VÍDEO-ARTE.

A inexistência de um "estatuto" que objetive a linguagem própria da vídeoarte foi questão polêmica durante todo o desenrolar do encontro. Sobretudo, como veicular este tipo de trabalho. A artista Diana Domingues, por exemplo, utilizou aqui no MARGS a projeção da vídeoarte junto com músicas atonais e aleatórias para enriquecer e enfatizar a proposta inovadora da sua última exposição entitulada "Universusmulti".

De qualquer forma, as constatações de Rafael França, no mínimo, despertaram o interesse do público. E a atenção especial dos artistas para ainda polêmica "arte tecnológica".

* Estagiária.

VEJA . . .

18h30min
PINACOTECA DO MARGS
"MÚSICA NO MUSEU"

O Conjunto de Câmara de Porto Alegre abriu, na primeira segunda-feira de agosto, mais um espaço para a música erudita no projeto "Música no Museu". Sob a coordenação de Marlene Goidanich, o grupo constituído a maioria por jovens apresentou música instrumental da Idade Média e Renascença com acompanhamento vocal.

O Coral da UNISINOS, dia 13/ setembro às 18h30min., participou também do "Música . . ." apresen-

tando um repertório da MPB bem variado. A regência ficou a cargo do maestro José Pedro.

Na última quinta-feira na Pinacoteca do MARGS, aconteceu mais uma apresentação da Orquestra de Câmara da OSPA sob regência do maestro Eleazar de Carvalho.

A artista gaúcha Denise Sandres Araújo, formada em pintura pelo Instituto de Artes da UFRGS, recebeu com o desenho entitulado "DENTES E UNHAS" o Prêmio Aquisição (quantia de Cr$ 150.000,00) na 4ª edição da Jovem Arte Sul América/Brasil Sul que se realizou de 27 de julho a 24 de agosto.

O Prêmio Sul América (sem aquisição) de Cr$ 50.000,00 pelo conjunto da obra ficou para o gaúcho Hélio Santos. E os Prêmios da SEC/RS, Cr$ 50.000,00 para cada um dos 4 artistas ganhadores, também pelo conjunto da obra, ficaram para Astrid Münch na gravura, Dione Veiga Vieira e Gilberto Macedo na pintura, Maristela Salvatori na gravura.

PREMIAÇÃO NA 4ª JASA

(Dentes e Unhas – Desenho de Denise Araújo).

CURSO DE ZUÑIGA

Luiz Alberto F. Zuñiga ministrou em 5 dias um curso sobre "Exposição de Acervo". Compareceram representantes dos museus: Júlio de Castilhos, Hipólito da Costa, Porto Alegre, Museu Histórico da Varig, a Fundação Caxias do Sul, Subsecretaria de Cultura e Instituto Goethe.

O conhecimento teórico do curso foi aplicado pelos organizadores de mostras do MARGS na "MOSTRA RETROSPECTIVA DO IBERÊ CAMARGO".

SEMINÁRIO EM OURO PRETO

Aconteceu de 24 a 28 de setembro na cidade de Ouro Preto o Seminário sobre segurança em museus. Para tal foram convidados museólogos, restauradores e o público interessado no assunto. Discutiu-se com pessoas inteiradas em temas sobre roubo, incêndio e maus cuidados aos acervos dos museus. Outro aspecto relevante discutido no Seminário foi quanto a não regulamentação da profissão de restaurador.

REGISTRO DOAÇÃO

IBERÊ CAMARGO: Correspondência Aberta

O pintor Iberê Camargo acaba de doar ao MARGS sua correspondência particular, bem como fotos de eventos relativos à sua carreira.

Trata-se de importante coleção documental que irá enriquecer o acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa do Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Aberto à consultas de estudantes, artistas, pesquisadores e público em geral.

CARLOS SCLIAR efetivou, dia 19 de setembro, uma significativa doação ao museu com 98 obras que faziam parte do seu acervo particular: 12 serigrafias, 37 gravuras (em diversas técnicas) integrantes da retrospectiva de sua obra realizada em 1970 pelo MAM/RJ, 1 álbum "Série Gaúcha Scliar" contendo linoleogravuras e 3 "au pochoir" coloridas e ainda 5 serigrafias de Ivan Marquetti, 5 de Farnese, 5 de Anna Letícia, 5 de Glênio Bianchetti, 5 de Gastão Manoel Henrique, 15 serigrafias feitas por ele.

CARLOS MARTINS, artista que implantou o 1º Gabinete de Gravura no Brasil vinculado ao Museu Nacional de Belas Artes no RJ, fez uma preciosa doação dia 27/julho de 10 gravuras ao MARGS pelo projeto "A Gravura no Brasil". Todas reimpressas da série original de: Lazar Segall(2) metal e xilo, Otto Reim(2) metal, Carlos Oswald(1) metal, Oswaldo Goeldi(5) xilo. O projeto também se estenderá a outras capitais.

"O Retrato de Dna. Maria . . ." no MARGS

Foi doado ao Museu de Arte do Rio Grande do Sul, na última semana de setembro, o quadro "O Retrato de Dna. Maria de Lourdes Pires da Rocha" pintado pelo grande mestre da pintura moderna brasileira Alberto da Veiga Guignard.

A doação: 1ª Dama do Estado (Sra. Dionéia Soares), Banco Sul Brasileiro, Grupo Iochpe, Grupo Zivi/Hércules, Albarus S.A., Sultepa.

O quadro-retrato foi escolhido para o "Destaque do Mês" de outubro. Por isso, a obra estará exposta aos interessados em vê-la no saguão do MARGS.

MUSEU EXTRAMURO

O Núcleo de Extensão/MARGS montou uma mostra itinerante, de agosto até setembro, com os trabalhos do desenhista-chargista Edgar Vasques. Criador do personagem o Rango. O projeto "Museu Extramuro" chegou à Escola Estadual Rubem Dario em Sapucaia do Sul e à Escola José de Godoi, Porto Alegre.

"ARTE GAÚCHA HOJE"

A mostra "Arte Gaúcha Hoje", integrando também o projeto, esteve no Centro Comercial da João Pessoa expondo ao grande público 28 artistas gaúchos: Glênio Bianchetti, Pasquetti, Clarice Jaeger, Romanita Disconzi entre muitos outros. A mostra esteve de 11 a 27 de setembro sob curadoria do Núcleo de Acervo/MARGS.

ATELIER ESTÁGIO ARMAZÉM DE ARTE

Inaugurado em 1983 como atelier-escola, o Estágio tem desenvolvido um significativo trabalho no campo das artes plásticas. Com muita imaginação e menor inspiração mercadológica os responsáveis pelo Estágio têm oferecido cursos com professores qualificados como Alice Bruegemann, Patrício Farias, Vera Wildner e outros. O Atelier tem revelado e mostrado trabalhos de alunos como Esther Schneider e Emílio Assaf, premiado com o 3º lugar no Salão do Jovem Artista.

REGISTRO NOTÍCIA

18ª BIENAL EM SÃO PAULO

A 18ª Bienal de São Paulo, realizar-se-á entre 4 de outubro a 15 de dezembro 85 no Parque Ibirapuera (SP). A mostra de arte do próximo ano objetiva a apresentação de tendências significativas da arte atual relacionadas com o Homem e a Vida.

A escolha dos artistas brasileiros ficará sob a responsabilidade da Comissão de Arte da Fundação Bienal de São Paulo. Os trabalhos dos artitas deverão ser entregues até o dia 31 de julho de 1985.

LOUÇAS PÉROLA FECHA SUAS PORTAS

A Manufatura de Louças Pérola Ltda., fundada em Caxias do Sul e posteriormente transferida para a cidade de Farroupilha, recentemente fechou suas portas devido à concorrência com o setor de plásticos e a dificuldade dos sócios, herdeiros dos fundadores, na tomada de decisões sobre os destinos da fábrica.

Durante a permanência do VI Salão de Cerâmica do RGS, será projetado, de 18 a 30 de outubro, o audiovisual "Manufatura de Louças Pérola Ltda" que conta o processo da massa refratária desde a matéria prima até a seleção e encaixotamento das peças.

O roteiro e adaptação audiovisual da pesquisa foi feita por Teniza Spinelli. Montagem e arte gráfica, Mabel Leal Vieira. Ambas do Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS.

VEJA . . .

O MUSEU É SEU VENHA . . .
De Terças a Domingos
Das 10 às 17 horas

VEJA . . .

"DESTAQUES ESTRANGEIROS"

Obras de destacados artistas internacionais

Sala Aldo Locatelli
1º Andar

VEJA . . .

LEIA/PESQUISE . . .

NA BIBLIOTECA DO MARGS

2º Andar

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

A OBRA DE ARTE NA ÉPOCA DE SUAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO

WALTER BENJAMIM*

"A obra de arte, por princípio, foi sempre suscetível de reprodução. O que alguns homens fizeram podia ser refeito por outros. Assistiu-se, em todos os tempos, a discípulos copiarem obras de arte, a título de exercício, os mestres reproduzirem-nas a fim de garantir a sua difusão e os falsários imitá-las com o fim de extrair proveito material. As técnicas de reprodução são, todavia, um fenômeno novo, de fato, que nasceu e se desenvolveu no curso da história, mediante saltos sucessivos, separados por longos intervalos, mas num ritmo cada vez mais rápido. Os gregos só conheciam dois processos técnicos de reprodução: a fundição é a cunhagem. Os bronzes, as terracotas e as moedas foram as únicas obras de arte que eles puderam reproduzir em série. As demais apenas comportavam um único exemplar e não serviam a nenhuma técnica de reprodução. Com a gravura na madeira, conseguiu-se, pela primeira vez, a reprodução do desenho, muito tempo antes de a imprensa permitir a multiplicação da escrita. Sabe-se das imensas transformações introduzidas na literatura devido à tipografia, pela reprodução técnica da escrita. Qualquer que seja a sua importância excepcional, essa descoberta é somente um aspecto isolado fenômeno geral que aqui encaramos ao nível da história mundial. A própria Idade Média viria aduzir, à madeira, o cobre e a água-forte e, o início do século XIX, a litografia.

Com a litografia, as técnicas de reprodução marcaram um progresso decisivo. Esse processo, muito mais fiel – que submete o desenho à pedra calcária, em vez de entalhá-lo na madeira ou de gravá-lo no metal – permite pela primeira vez às artes gráficas não apenas entregar-se ao comércio das reproduções em série, mas produzir, diariamente, obras novas. Assim, doravante, pôde o desenho ilustrar a atualidade cotidiana. E nisso ele tornou-se íntimo colaborador da imprensa. Porém, decorridas apenas algumas dezenas de anos após essa descoberta, a fotografia viria a suplantá-la em tal papel. Com ela, pela primeira vez, no tocante à reprodução de imagens, a mão encontrou-se demitida das tarefas artísticas essenciais que, daí em diante, foram reservadas ao olho fixo sobre a objetiva. Como, todavia, o olho capta mais rapidamente do que a mão ao desenhar, a reprodução das imagens, a partir de então, pôde se concretizar num ritmo tão acelerado que chegou a seguir a própria cadência das palavras. O fotógrafo, graças aos aparelhos rotativos, fixa as imagens no estúdio de modo tão veloz como o que o ator enuncia as palavras. A litografia abria perspectiva para o jornal ilustrado; a fotografia já continha o germe do cinema falado. No fim do século passado, atacava-se o problema colocado pela reprodução dos sons. Todos esses esforços convergentes facultavam prever uma situação assim caracterizada por Valéry: "Tal como a água, o gás e a corrente elétrica vêm de longe para as nossas casas, atender às nossas necessidades por meio de um esforço quase nulo, assim seremos alimentados de imagens visuais e auditivas, passíveis de surgir e desaparecer ao menor gesto, quase que a um sinal".

Com o advento do século XX, as técnicas de reprodução atingiram tal nível que, em decorrência, ficaram em condições não apenas de se dedicar a todas as obras de arte do passado e de modificar de modo bem profundo os seus meios de influência, mas de elas próprias se imporem, como formas originais de arte. Com respeito a isso, nada é mais esclarecedor do que o critério pelo qual duas de suas manifestações diferentes – a reprodução da obra de arte e a arte cinematográfica – reagiram sobre as formas tradicionais de arte."

In OS PENSADORES
Abril Cultural

* Filósofo e Crítico de Arte.

VEJA . . .

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO NA SEÇÃO "PESQUISA" O ESTUDO SOBRE LITOGRAFIA DO SÉCULO XIX: RGS

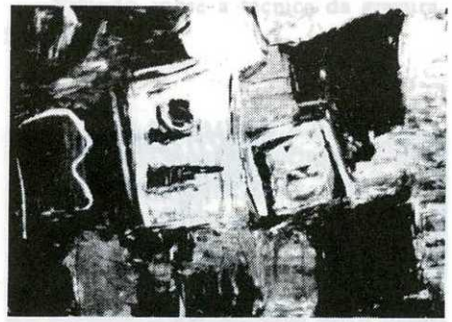
"MARGS/INAP: IBERÊ CAMARGO"

PAULO S. HERKENHOFF*

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul assume hoje o papel de um museu regional que bem exemplifica a política de descentralização cultural segundo a orientação da Secretaria da Cultura do MEC. O MARGS situa-se como o centro de um sistema cultural que procura reunir condições para poder estabelecer um núcleo de trabalho com autonomia de produção. Na medida em que se firma como efetivo eixo de discussão e difusão da arte no Rio Grande do Sul, o MARGS assume, para o país, o caráter de instituição paradigmática dentre os museus de natureza semelhante. Desenvolve-se um esforço no sentido de oferecer eventos que proporcionem a visão e a reflexão sobre a arte local e seu espaço no panorama nacional.

Dentro de sua possibilidade, o INAP/FUNARTE procura estimular esta postura, reforçando as possibilidades de viabilização dos projetos desenvolvidos pelo MARGS. A retrospectiva de Iberê Camargo, realizada em setembro em suas dependências, significa uma homenagem que merecidamente se faz a um artista cuja importância nacional pontua a História da Arte Brasileira com uma produção marcante na pintura e gravura moderna. Numa perspectiva descentralizadora, o INAP/FUNARTE assumiu que a mostra no MARGS seria a exposição devida pela instituição federal na comemoração dos 70 anos deste artista maior. Considerou-se significativo que se realizasse tal mostra em Porto Alegre e não no Rio ou em São Paulo, que habitualmente monopolizam a realização de eventos deste porte e importância.

* Diretor do Instituto Nacional de Artes Plásticas/FUNARTE.

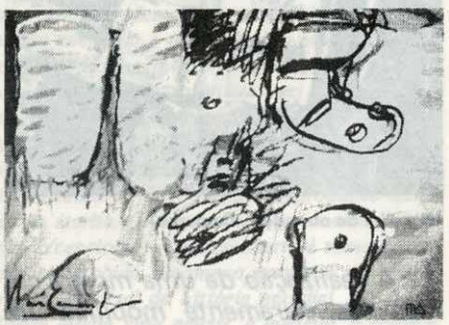


(Detalhe de obra de I. Camargo).

A realização de uma mostra como essa claramente mobiliza um esforço coletivo no sentido de reunir um número de obras significativas espalhadas pelo país. Foi intenção do INAP, inclusive, realizar junto à equipe do MARGS um trabalho de aprendizado técnico em montagem de exposição. Para tanto, foi enviado do Rio de Janeiro o design Luiz Zuñiga, um profissional especializado em organização de espaços de exposição que realizou um work-shop no qual participaram funcionários do museu e de outras instituições gaúchas. O INAP tam-

bém levou a Porto Alegre seu funcionário José Balbino de Souza, montador de exposição com experiência no MAM do Rio e estágio no Museu de Arte Moderna de Nova Yorque.

O INAP e o MARGS compreendem que uma exposição de arte é uma ação cultural no nível maior das obras expostas tanto quanto no plano básico da sua concepção no espaço concreto em que é montada. O Brasil é pleno de exemplos de intenções no plano cultural muitas vezes sufocados pelo peso e morosidade do corpo burocrático das suas instituições.



(Detalhe Iberê Camargo).

O MARGS vem tendo clareza de que não basta atualizar e modernizar sua face visível (acervo, mostras, prédio, equipamentos): seu esforço de profissionalização estaria comprometido sem a paulatina transformação do perfil profissional de seus funcionários.

Dentro de todas estas iniciativas, é objetivo do INAP/FUNARTE dar condições às instâncias regionais de cultura uma autonomia de trabalho através de um programa de apoio não só no sentido financeiro mas, acima de tudo, levando aos Estados as informações e condições necessárias para uma consistente participação regional dentro do quadro cultural do país.

ASSISTA . . .

"ESTUDOS ACADÊMICOS"
COM
LUIS PAULO BARAVELLI

DIA: 22/11/84

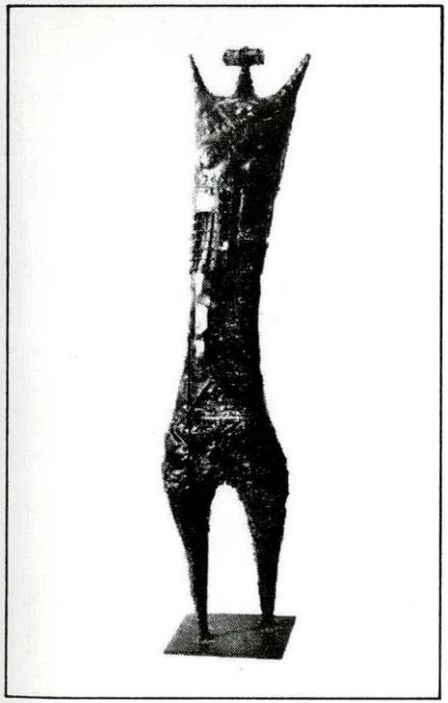
HORA: 17 horas

LOCAL:
AUDITÓRIO DO MARGS
2º Andar

Destaque do Mês

STOCKINGER
(Agosto)

GISELE SCALCO SUTIL



("A MULHER" – escultura).

"A Mulher, escultura em madeira e ferro, de Francisco (Xico) Stockinger, foi o destaque do mês de agosto, no MARGS.

Francisco Stockinger torna-se ainda mais convincente na sua proposta conscientizadora de artista revoltado por uma "porção de coisas" quando nos propomos analisar os aspectos plásticos das suas esculturas. Texturas rústicas no material empregado, o ferro e a madeira. Outro aspecto também a salientar: a cabeça horizontal e geométrica da mulher que contrapõe-se a toda verticalidade do seu corpo.

SCLIAR
(Setembro)

FLÁVIA SANT'ANNA BENTO

("A ESTÂNCIA" – linoleogravura).

Falando sobre a técnica da gravura, Scliar diz:

"... ELA COMUNICA PARA UMA FAIXA MAIOR DE PÚBLICO. POR UMA REPRODUÇÃO FÁCIL, O PREÇO DIMINUI E ELA ALCANÇA O PÚBLICO MAIS JOVEM QUE É O QUE ME INTERESSA PARTICULARMENTE POR SER UM PÚBLICO VIVO, ESPIRITUALMENTE VIVO".

Artista prestigiado, Scliar ocupa posição de destaque no cenário das artes plásticas brasileiras pela qualidade da obra que vem construindo ao longo de sua carreira. Consagrado no Brasil e no exterior. Possui trabalhos na National Gallery em Washington, Museu de Jerusalém, Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, entre outros.

No acervo do MARGS encontram-se alguns trabalhos como "A Sesta" (1955); "Ponche Emalado, Serigote e Pelego" (1955); "Interior de Galpão" e outros.

O RIO GRANDE SOMOS NOS.
FAÇA A SUA PARTE.
GOVERNO JAIR SOARES

Horário de Visitação: de Terça a Domingo das 10 às 17 horas.